



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS**  
**PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**ANDREZZA SOARES ESPÍNOLA DE AMORIM**

**LITERATURA, MÍDIA E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES**  
**SOCIAIS NORDESTINAS**

**João Pessoa**

**2014**

**ANDREZZA SOARES ESPÍNOLA DE AMORIM**

**LITERATURA, MÍDIA E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES  
SOCIAIS NORDESTINAS**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Ms. Géssika Carvalho

João Pessoa

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A524I Amorim, Andrezza Soares Espínola de  
Literatura, mídia e o processo de construção das identidades  
sociais nordestinas [manuscrito] : / Andrezza Soares Espínola de  
Amorim. - 2014.  
32 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:  
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da  
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à  
Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Géssika Cecília Carvalho,  
Departamento de Filosofia e Ciências Sociais".

1. Educação. 2. Identidade social. 3. Nordeste. I. Título.

21. ed. CDD 370

**ANDREZZA SOARES ESPÍNOLA DE AMORIM**

**LITERATURA, MÍDIA E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES  
SOCIAIS NORDESTINAS**

Monografia apresentada ao curso de  
Especialização em Fundamentos da Educação:  
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da  
Universidade Estadual de Paraíba em  
cumprimento às exigências para obtenção do  
grau de especialista.

Aprovada em 18 / 10 / 2014

Banca Examinadora



Prof. Ms. Glessika Cecília Carvalho



Prof. Ms. Edson Peixoto Vasconcellos Neto



Prof. Ms. Flaviano Maciel Vieira

Dedico aos meus pais, Neuma e Narciso, que de todos os modos me apoiaram, estiveram sempre ao meu lado e tanto contribuíram para mais essa conquista.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a DEUS por iluminar meu caminho, dando-me condições para subir mais um degrau na minha escalada acadêmica.

Aos meus pais pelo amor incondicional e apoio em todos os momentos.

Ao meu marido, irmão e amigos, pela ajuda e compreensão durante os momentos de ausência.

À Prof<sup>a</sup> Ms. Géssika Cecília Carvalho, pela disponibilidade e compreensão ao orientar-me neste trabalho.

A todos vocês,  
Meus sinceros agradecimentos

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a influência da literatura e da mídia no processo de formação da identidade social nordestina de jovens do ensino médio, partindo do pressuposto que esses veículos são capazes de legitimar lugares sociais nem sempre positivos. Os signos de nordestinidade apresentados ao público pelos livros, tevê e cinema geralmente relacionam o Nordeste a elementos como seca, pobreza, violência e pouca instrução; tais produções costumam explorar estereótipos que revelam, conscientemente ou não, traços históricos de dominação econômica, política e cultural e não raro são tomadas como referência para se distinguir e classificar as regiões, contribuindo para o preconceito e fomentando (de)formações identitárias com sérias implicações para o Nordeste e seu povo.

Palavras-chave: Signos de nordestinidade. Literatura. Mídia. Identidade.

## **ABSTRACT**

The present work has as objective investigates the influence of the literature and of the media in the process of formation of the youths' of the medium teaching identity social nordestina, leaving of the presupposition that those vehicles are capable to legitimate places social not always positive. The nordestinidade signs introduced to the public by the books, TV and movies usually relate the Northeast to elements as drought, poverty, violence and little instruction; those theme productions explore stereotypes that reveal, consciously or no, historical lines of economical dominance, politics and cultural and no rare they are taken as reference to distinguish and to classify the areas, contributing to the prejudice and fomenting identity deformations with serious implications for the Northeast and his/her people.

Keywords: Nordestinidade signs. Literature. Media. Identity.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 A INVENÇÃO DO NORDESTE.....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 Mas o que é identidade nordestina?.....</b>	<b>11</b>
<b>3 MÍDIA: SIMULACROS E ESTEREOTIPIA.....</b>	<b>14</b>
<b>3.1 O sertão e “Os Sertões”: o começo de tudo.....</b>	<b>16</b>
<b>4 PERCEPÇÕES DO NORDESTINO FRENTE À ESTEREOTIPIA.....</b>	<b>18</b>
<b>4.1 Como os alunos enxergam a identidade nordestina.....</b>	<b>19</b>
<b>4.2 Da pesquisa .....</b>	<b>19</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>
<b>APÊNDICE – Questionário aplicado aos alunos.....</b>	<b>31</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As tecnologias modernas reduziram as distâncias e facilitaram o acesso ao conhecimento, mas também acentuaram as divisões territoriais, uma vez que a grande maioria dos meios de comunicação se concentra no eixo Rio-São Paulo e tende a supervalorizar as características dessas regiões em detrimento das demais.

Impulsionado por abordagens reducionistas, o preconceito regional é mais uma forma de preconceito que promove a segregação entre os brasileiros, gera revolta, sofrimento e descaracteriza todo um povo. O problema se torna ainda mais grave quando parte das próprias vítimas, que internalizam os discursos dos opressores e passam a esconder-se ou a ferir sua própria identidade numa tentativa de tornar-se o outro.

No Brasil, é o povo nordestino quem mais sofre com esse tipo de preconceito, uma vez que os signos relacionados ao Nordeste geralmente envolvem elementos como seca, pobreza, violência e pouca instrução. Impera no país uma hierarquização das regiões que se apoia em signos oriundos das mais diversas fontes: história, política, economia, literatura, e cuja seleção é permeada por mecanismos de opressão e por interesses que vão muito além da simples caracterização regional.

O próprio conceito de região é relativo, visto que as regiões não se apresentaram sempre como na atualidade, mas foram resultado de estratégias de dominação, que instituíram um modelo de sujeito e o multiplicaram, atribuindo cada molde a determinada localização geográfica. Dessa forma, “falar e ver a nação ou a região não é, a rigor, espelhar estas realidades, mas criá-las” (ALBUQUERQUE JR. 2001, p. 27). Os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais enfatizados publicamente são, na verdade, cuidadosamente selecionados por aqueles que detêm o poder, de acordo com os seus interesses.

Influenciados pelas imagens veiculadas na mídia em geral, é comum se encontrar discursos inflamados que colocam os nordestinos como um povo inferior, rústico, cômico e é essa a ideia que tem se perpetuado ao longo das décadas. A própria população nordestina, ignorando as relações de poder que influenciam a caracterização dos territórios, aprende a guiar-se por imagens e muitas vezes não questiona os sentidos de cada representação, tampouco os efeitos que elas podem trazer para sua vida. Dessa forma, a identidade regional do nordestino acaba sendo negada, omitida e figura como uma forma de segregação e não como o símbolo de unificação que deveria ser.

Segundo Albuquerque Jr. (2001, p.77), a identidade regional “permite costurar uma memória, inventar tradições, encontrar uma origem que religa os homens do presente a um

passado e, dessa forma, atribui sentido a existências cada vez mais sem significado”. Mas isso não implica dizer que a identidade é fixa; pelo contrário, na modernidade seria mais adequado usar o termo “identidades”, uma vez que estas estão cada vez mais mutáveis e instáveis. Diferente de outrora, hoje não se tem mais um referencial sólido, um modelo com o qual se identificar e seguir, o que existem são múltiplas identidades, que dialogam, modificam-se e, mais que isso, constroem-se ao longo da vida e das experiências de cada um.

Pautando-se em autores como ALBUQUERQUE JR. (2001), no que se refere aos signos de nordestinidade, BAUMAN (2005) e HALL (2006), que trabalham o conceito de identidade, o presente trabalho tem como objetivo investigar de que forma ocorre o processo de construção das identidades sociais nordestinas; até que ponto a literatura e as mídias, sobretudo o cinema e a TV, influenciam esse processo; verificar se os arquétipos veiculados na mídia correspondem à imagem que os alunos têm de si e, por fim, refletir sobre o papel da escola nesse contexto.

Escolheu-se como recorte alunos da terceira série do ensino médio da Escola Estadual Alzira Lisboa, localizada em Jacaraú-PB. A escolha deu-se pelo currículo contemplar, nessa etapa escolar, a geração de 30 da literatura modernista, o que pode fomentar os debates envolvendo a temática regionalista. No primeiro momento aborda-se como se deu a invenção do Nordeste, em seguida como a mídia produz e reforça os estereótipos e por fim como os nordestinos reagem frente às representações; para tanto, os alunos responderam a questionários planejados que visavam identificar como eles se enxergam enquanto nordestinos, como percebem o espaço a sua volta e quais os elementos que mais influenciam a percepção deles no que tange à própria identidade.

## 2 A INVENÇÃO DO NORDESTE

Considerando as relações espaciais como relações políticas, a invenção do Nordeste começa a ser delineada em fins do século XIX e começo do XX e é consequência do embate histórico entre a oligarquia rural nordestina e a paulista, expressão urbana do vitorioso processo de industrialização recém-chegado ao Brasil. A entrada de capital estrangeiro no país provocou mudanças em toda a área econômica: enquanto a região Sul vivia um acelerado desenvolvimento comercial, o Nordeste sofria a desvalorização dos seus produtos, especialmente do açúcar, que durante muito tempo tinha sustentado a economia e garantido uma situação confortável à elite local.

Foi na tentativa de combater a visão negativa da região que intelectuais e artistas retrataram um Nordeste permeado de lirismo e saudade; por esta razão, as tradições da região foram sempre pensadas como fragmentos de um passado rural avesso à modernidade, o que acarretou “uma verdadeira idealização do popular, da experiência folclórica, da produção artesanal, tidas sempre como mais próximas da verdade da terra”. (ALBUQUERQUE JR., 2001, p. 77). Com o tempo, porém, as representações se cristalizaram e passaram a despertar reações contrárias às que se propuseram.

Para Albuquerque Jr. (2001, p.77), “o ‘Nordeste tradicional’ é um produto da modernidade que só é possível pensar neste momento”. O autor questiona como foi traçada a geografia que marca e demarca a região, defendendo que o Nordeste será dotado de diferentes máscaras dependendo da perspectiva com que é abordado, do regime discursivo em que está inserido, do momento em que é tematizado. Não obstante, graças ao sucesso e enorme repercussão de Os Sertões, foi a descrição do homem sertanejo feita por Euclides da Cunha que se tornou símbolo e influencia até hoje a noção que a maioria das pessoas tem sobre a identidade regional nordestina.

Pode-se afirmar que o Nordeste que se apresenta nas campanhas publicitárias, nos filmes e novelas é apenas parte do Nordeste real: uma região que sofre com problemas climáticos, com a má distribuição de renda, com níveis insatisfatórios de educação, tanto quanto outras regiões do país e do mundo. Fundamentar a imagem de uma região sobretudo em aspectos negativos contribui para a deformação e não para a formação da identidade regional de seus habitantes.

O próprio conceito de região está mais ligado às relações de poder do que à geografia ou aos aspectos culturais do lugar. Para Albuquerque (2001),

(...) historicamente, as regiões podem ser pensadas como a emergência de diferenças internas à nação, no tocante ao exercício do poder, como recortes espaciais que surgem dos enfrentamentos que se dão entre os diferentes grupos sociais, no interior da nação. A regionalização das relações de poder pode vir acompanhada de outros processos de regionalização, como o de produção, o das relações de trabalho e o das práticas culturais, mas estas não determinam sua emergência. A região é produto de uma batalha (...) Na luta pela posse do espaço ele se fraciona, se divide em quinhões diferentes para os diversos vencedores e vencidos; assim, a região é o botim de uma guerra. (ALBUQUERQUE, 2001, p. 25-26)

Assim, através de recortes e manipulação de imagens, a literatura e a mídia ajudaram a construir socialmente um sujeito nordestino que não existe de fato, um ser que mescla em sua constituição elementos relacionados ao Nordeste a mitos, lendas e interesses que vão muito além da divulgação da suposta cultura regional, produzindo e reforçando discursos nos quais o Nordeste é sempre visto como a periferia da nação, como um primo pobre que insiste em lembrar ao Brasil uma origem histórica que o país sempre buscou superar. Nas palavras de Rossini (2005, p.103),

(...) no Nordeste percebe-se mais claramente os descompassos entre o tempo que avança e o tempo que para; ele reflete melhor a flagrante disparidade social brasileira. No imaginário nacional, o Nordeste ainda é o espaço privilegiado da velha luta entre o arcaico e o moderno, o pobre e o rico.

Não há nada de errado no estranhamento que ocorre ao deparar-se com as diferenças, o problema está nas reações de discriminação e preconceito que esse estranhamento inicial pode acarretar; logo, falar em identidade é falar em alteridade, conceito pouco familiar à sociedade brasileira.

## **2.1 Mas o que é identidade nordestina?**

O conceito de identidade contempla uma série de signos com os quais se costuma diferenciar os homens, reconhecê-los, identificá-los. Entenda-se por signo de nordestinidade, no presente trabalho, qualquer elemento que seja capaz de representar um nordestino; os principais signos utilizados nesse sentido são a seca, a pobreza, o coronelismo, a fome, a virtude e o sincretismo religioso. Santaella (2004) afirma que

“qualquer coisa que esteja presente à mente tem a natureza de um signo. Signo é aquilo que dá corpo ao pensamento, às emoções, reações, etc. Por isso mesmo, pensamentos, emoções e reações podem ser externalizados. Essas externalizações são traduções mais ou menos fiéis de signos internos para signos externos”. (p. 10).

Como toda representação, os signos não espelham a realidade, apenas a retratam de acordo com valores, convicções e mesmo preconceitos. Uma vez escolhidos e divulgados, esses signos passam a fazer parte do imaginário popular e contribuem para a formação das identidades sociais.

A princípio pode parecer que a identificação ocorre quando o indivíduo percebe aquilo que ele é, ou seja, quando ele se percebe enquanto sujeito com características próprias, inatas e autônomas, dessa forma a identificação se daria pelo critério da semelhança. Tomaz Tadeu (2000), contudo, defende que a identificação parte da negação, existindo entre os conceitos de identidade e diferença uma relação íntima e repleta de implicações.

Para esse autor, o processo de identificação dá-se com base na negação: eu sou isso porque não sou aquilo, eu gosto disso porque não gosto daquilo e “isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos” (TADEU, 2000, p. 62). Assim, a identidade pode ser compreendida como um processo de construção de significados com base em características culturais inerentes a determinado povo, mas também pode representar a imposição de uma imagem fundamentada, segundo Albuquerque Jr. (2001), em um projeto político-social com o objetivo de buscar no país a ideia de uma nacionalidade, negando para isso outros povos e nações.

É notório que o processo de formação das identidades sofre influências externas, principalmente na modernidade líquida, que, de acordo com Bauman (2005), dissolveu o modelo único de identidade e instituiu múltiplas identidades, que dialogam, modificam-se e, mais que isso, constroem-se ao longo da vida e das experiências de cada um. Modernamente, os modelos reducionistas são cada vez mais insatisfatórios, pois resultam da falta de “um maior cuidado na coleta e análise das manifestações populares”, e não contemplam a “complexidade da cultura popular, que só aparentemente é simples”. (AYALA, 2006, p. 23).

Não obstante, a identidade nordestina segue sendo homogeneizada; expõem-se sempre as mesmas características e ignora-se a diversidade. Segundo Paiva (2006), esses signos de nordestinidade preocupam à medida que são inseridos na sociedade, contribuindo para a formação do imaginário popular que se perpetua em outras áreas, inclusive na educação, na história e no jornalismo, estabelecendo a afirmação do estereótipo de que o nordestino é um sertanejo forte que sofre com a seca e com a miséria local em que está inserido.

É evidente que quanto mais negativa for a representação de um povo, maior será a sua rejeição e as representações tradicionais do Nordeste, fundamentadas em símbolos oriundos, seja da literatura, do cinema ou da política, imprimiram uma imagem de nordestino atrelada

ao subdesenvolvimento e a mazelas sociais, o que, inevitavelmente, contribuiu para o uso de “expressões condensadas e de signos estigmatizantes da nordestinidade” (MAMEDE, 1992, p. 20-21), despertando reações como curiosidade, dó, ou mesmo aversão, as quais costumam culminar em tratamentos desrespeitosos e ofensivos. Na atualidade, não é raro sofrer, presenciar ou conhecer alguém que sofreu preconceito por ser nordestino, são piadas, ditados e uma série de manifestações, que deixam de ser divertidas e inocentes à medida que se tornam pejorativas e hostis.

Fenômeno de identificação decisivo na elaboração dos modos de pensar e agir dos indivíduos, a representação é uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social e interfere no modo como as pessoas se relacionam com as outras e organizam suas ações. De acordo com Jodelet (2001), a representação supõe um processo de adesão e participação, sem o qual não pode existir. Assim sendo, pode-se afirmar que a maioria dos indivíduos aceita as representações como verdade e o homem nordestino acaba por vestir as características que lhe foram impostas.

### 3 MÍDIA: SIMULACROS E ESTEREOTIPIA

A identidade social nordestina aparece quase sempre relacionada a elementos como seca, miséria, pouca instrução e a grande mídia é a principal responsável pela reprodução desses arquétipos nordestinos. Os noticiários, seriados, novelas e filmes tendem a divulgar imagens estereotipadas de nordestinos/sertanejos privilegiando determinados signos de nordestinidade em detrimento de tantos outros. Estas imagens do Nordeste reafirmam um discurso em que a seca é regra e marca a identidade de um povo que, por características da região onde vive, está condenado a não evolução e deve se agarrar à tradição para não sucumbir.

O estereótipo, além de “construir um sentido para o leitor” ou espectador, apresenta alguns critérios para a sua identificação. Normalmente, o estereótipo se refere a um “conjunto anônimo de textos”, sob o domínio de um discurso que apresenta três diferentes registros: o “linguístico e estilístico, o comportamental” (que indica modos de pensar e gestualidade) e o “tipológico” ou a representação coletiva. Desta forma, o estereótipo se cristaliza na sociedade, via ações recíprocas humanas e consoantes com o “repertório de representações”, tornando-se uma identidade social em sua “vertente positiva” e preconceito na “vertente negativa” (DUFAYS, 1994, apud AMÂNCIO, 2000, p. 137-138).

O grande público geralmente tem acesso sempre ao mesmo Nordeste involutivo, estagnado, por vezes patético, e é isso que incomoda, ou deveria incomodar, os habitantes dessa região. A forma como o nordestino é comumente retratado forja uma hegemonia e mascara uma concepção de identidade que coloca as diferenças desse povo como algo simplesmente cômico e irrisório. As produções filmicas se passam, sobretudo em regiões semiáridas, as personagens, quando masculinas são peões, coronéis, motoristas ou porteiros; as femininas, esposas ou empregadas domésticas. Suas personalidades são parecidas: pessoas fortes, corajosas, trabalhadoras, ingênuas para algumas coisas e espertas para outras. Esse tipo de abordagem ignora as diversas transformações que os indivíduos e mesmo as sociedades sofrem no decorrer do tempo e omite a existência de vários nordestes dentro do Nordeste.

De acordo com Hall (2006), as mudanças pelas quais as sociedades modernas passaram no final do século XX, fragmentaram noções como classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Esse autor entende que por ser o sujeito pós-moderno um indivíduo cuja identidade não é uma determinação fixa, essencial ou permanente, sua identidade deveria ser compreendida a partir de uma celebração móvel,



(...) formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo constantemente deslocadas. (HALL, 2006, p. 13).

Dessa forma, hodiernamente não há mais espaços para reducionismos, tampouco para generalizações. As identificações podem surgir e desaparecer com a mesma intensidade, em um processo contínuo que vai delineando a todo momento novas identidades, resgatando outras e estabelecendo constantemente novos modelos e padrões.

Sobre o assunto, Bauman (2005) acrescenta que as pessoas podem apresentar identidades diversas, uma vez que, na modernidade-líquida, a identidade é mutante, resultando de um emaranhado de modelos voláteis.

É certo que “a procura do típico é um dos meios de afirmação da identidade nacional” (AYALA, 2006. p. 12), mas deve-se atentar para que na tentativa de instituir um modelo de sujeito nordestino não acabem conferindo-lhe o lugar do culturalmente e socialmente inferior, pois, como corrobora Albuquerque Jr. (2001), nossos territórios existenciais são imagéticos. Eles nos chegam e são subjetivados por meio da educação, dos contatos sociais, dos hábitos, ou seja, da cultura que nos faz pensar o real como totalizações abstratas. Logo,

(...) o Nordeste não é um fato inerte na natureza. Não está dado desde sempre. Os recortes geográficos, as regiões são fatos humanos, são pedaços de história, magma de enfrentamentos que se cristalizaram, são ilusórios ancoradouros da lava da luta social que um dia veio à tona e correu sobre este território. O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística de textos que lhe deram realidade e presença. (ALBUQUERQUE JR., 2001, p. 66).

O conceito de Nordeste, ao mesmo tempo em que classifica a região como um espaço de crise e subdesenvolvimento - fundamentando-se para isso no argumento da pobreza regional associada ao fenômeno climático das secas - através da exploração de discursos e imagens, leva a região a assumir publicamente o espaço da tradição e da saudade, em que a natureza impera (tanto a do homem quanto a do meio), contrapondo-se à modernidade e ao desenvolvimento característicos do sudeste. Nessa perspectiva, o nordestino transportado para as páginas e telas será dependente e subserviente, sobretudo com pessoas vindas de outras regiões, extremamente ligado à terra e às suas tradições, mas que justamente por suas singularidades desperta interesse e se faz notar.

A mídia pode e deve explorar as diferenças existentes dentro de um país de dimensões continentais, como é o Brasil; cada região apresenta diferenças climáticas, culturais, econômicas e isso é bom, visto que garante a riqueza de tipos humanos. É fato, porém, que essa variedade, mais que explorada, precisa ser respeitada, pois ao se adotar e reproduzir uma imagem específica de nordestino ou de nordestinidade o que se consegue é divulgar arremedos de Nordeste sem existência real, um simulacro que, conforme define Xavier (1988, p. 379), “parece o que não é a partir de um ponto de vista; o sujeito está aí pressuposto” e, dessa forma, as diversas historicidades que recortam esse espaço são unificadas pela atividade sintética de um sujeito regional.

### **3.1 O sertão e “Os Sertões”: o começo de tudo**

Neste embaralhado de imagens opostas sobre o Nordeste e o nordestino, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, publicado em 1902, pode servir como fundamentação para diferentes leituras sobre a região. A obra trata, sobretudo, das adversidades do Nordeste e da luta de um povo pela sobrevivência durante a revolta de Canudos, luta que demoveu Euclides de sua posição impessoal enquanto jornalista e o transformou em testemunha de um verdadeiro massacre. Nesse texto, o Nordeste seco e improdutivo é, ao mesmo tempo, possuidor de grande beleza, vai “da extrema aridez à exuberância extrema” (CUNHA, 1995, p.231), e o seu habitante, apesar de resultar da mistura de raças avessas, o que em termos evolucionistas é prejudicial, não se deixa deprimir pelas adversidades do meio físico, pelo contrário, elas enrijam o seu organismo potente.

Notadamente, o próprio Euclides não soube “compreender a normalidade do tipo antropológico que aparece, de improviso, enfeixando tendências tão opostas” (CUNHA, 1995, p. 90) e se dividiu entre a verdade que trazia consigo, fruto dos saberes de sua época, e o desejo de enaltecer a memória dos canudenses. O resultado de seu discurso foi a construção de um homem miserável, permanentemente fatigado, com tendência à imobilidade, mas destemido, virtuoso e, acima de tudo, forte. Imagens que se solidificaram socialmente e refletem ainda hoje na visão que a maioria das pessoas do eixo sul-sudeste tem do nordestino e, mais que isso, na forma como muitos nordestinos se percebem no contexto social.

Dessa forma, o discurso ambíguo do autor produziu tanto uma estereotipia negativa, ao inferiorizar o Sertão/Nordeste, quanto uma estereotipia positiva, ao aclamar esta região e o seu povo. A herança Euclidiana, revitalizada e mergulhada em inúmeras reportagens e em

inflamados discursos políticos, desembocou, segundo Tolentino (2001), “na ideia de que o sertão com suas condições inóspitas produzira um homem semibárbaro, forte, mas desengonçado, um Hércules/Quasímodo” (p. 66),

Como a literatura comumente funciona como provedora de enredos, técnicas e estratégias narrativas para o cinema e a tevê, o Nordeste euclidiano migrou também para as telas e se firmou de vez enquanto retrato fiel de uma sociedade. Há quem defenda que o olhar para o Sertão fez com que Euclides abrisse os olhos do mundo para o Nordeste, e isso é bom, mas a eleição de seus personagens como legítimos exemplares da identidade nordestina dá a impressão que não há Nordeste além do Sertão, ou melhor, de Os Sertões, e que a região não evoluiu absolutamente nada em mais de um século, tempo que se passou desde a publicação dessa importante obra. Pensamento esse refutado pelo próprio autor, para quem o sertanejo

(...) é um retrógrado; não é um degenerado. Por isto mesmo que as vicissitudes históricas o libertaram, na fase delicadíssima da sua formação, das exigências desproporcionadas de uma cultura de empréstimo, prepararam-no para a conquistar um dia. A sua evolução psíquica, por mais demorada que esteja destinada a ser, tem, agora, a garantia de um tipo fisicamente constituído e forte. Aquela raça cruzada surge autônoma e, de algum modo, original, transfigurando, pela própria combinação, todos os atributos herdados; de sorte que, despeada afinal da existência selvagem, pode alcançar a vida civilizada por isto mesmo que não a atingiu de repente.” (CUNHA, 1995, p.95)

Através desse excerto de Os Sertões (1995), nota-se claramente que Euclides da Cunha não afirmou que o povo nordestino estaria condenado ao passado. O autor construiu, a partir da observação do homem na luta com o meio e na guerra, um ideal de raça originalmente brasileira, um protótipo do homem forte que levantaria o país.

#### 4 PERCEPÇÕES DO NORDESTINO FRENTE À ESTEREOTIPIA

Como já foi dito, os meios de comunicação em massa costumam explorar estereótipos que revelam, conscientemente ou não, traços históricos de dominação econômica, política e cultural. O principal problema é que a insistência com que determinadas imagens são repetidas acaba por legitimar lugares sociais; o que pode ser muito bom para quem detém o poder, mas acarreta sérias consequências para quem é posto no lugar de inferior.

A mídia é a principal reprodutora de estereótipos, pois seleciona dentre inúmeros aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais, os que correspondem aos interesses daqueles que detém o poder e divulga-os amplamente como sendo características regionais. Prontamente absorvidas e reproduzidas pelos habitantes de cada região, essas imagens ganham força de lei e passam a representar a “verdade”.

Mergulhados nessas influências, muitos nordestinos engrossam o coro de vozes contra o nordeste e de vítimas do preconceito passam a ser agentes e reprodutores da opressão. Esse comportamento revela uma deformação identitária, que pode ter raízes profundas e trazer sérias implicações para toda a região. Não é raro encontrar nordestinos negando sua origem, sua cultura, o seu povo; tentando mudar o sotaque, adotar uma cultura diferente da sua simplesmente para não sofrer preconceito ou para sentir-se igual ao outro, “melhor”.

Além da mídia, sobretudo do eixo Rio-São Paulo, que supervaloriza a cultura local e costuma retratar a nordestina como uma forma inferior de cultura, a escola também pode reforçar a visão negativa do nordeste por meio de abordagens literárias superficiais e pelo uso de material didático que não contempla as particularidades regionais e culturais do Nordeste; como resultado, os jovens recebem e internalizam signos negativos e contribuem para a sua propagação.

Na sequência deste trabalho se buscará provar as hipóteses levantadas por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com alunos da terceira série do ensino médio da Escola Estadual Alzira Lisboa; só então será possível, em projetos futuros, traçar-se metas para fortalecer a identidade regional dos alunos e quiçá contribuir para a diminuição do preconceito regional, trabalhando as diferenças como algo positivo.

#### **4.1 Como os alunos enxergam a identidade nordestina**

Para compreender melhor como se dá a formação da identidade social nordestina entre os jovens é preciso investigar como eles se percebem enquanto nordestinos, como percebem o outro e a própria região Nordeste. Esse levantamento foi feito por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com quarenta alunos concluintes do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alzira Lisboa, localizada em Jacaraú-PB.

O conteúdo programático da terceira série do ensino médio contempla desde o pré-modernismo com o seu aclamado *Os Sertões*, passando pela geração de 30 do Modernismo brasileiro, também conhecida como regionalista e que se volta, sobretudo, para a seca e a situação de extrema miséria enfrentada pelos migrantes nordestinos, até a terceira geração modernista. O Nordeste representado pela literatura citada anteriormente é marcado pelas adversidades e o nordestino quase sempre aparece como um homem miserável obrigado a abandonar a sua terra para não morrer de fome. Com vistas nisso, optou-se por investigar junto aos alunos desta série como se dá a formação da identidade nordestina e se a literatura vista na escola e/ou a mídia que os acompanha fora do âmbito escolar realmente influenciam a imagem que os jovens têm de si e da região nordeste.

A escola, enquanto principal responsável pela educação e formação dos sujeitos, pode e deve chamar atenção do alunado também para as questões identitárias, contribuindo para que eles desenvolvam a capacidade crítica e percebam as relações de poder que se estabelecem por trás de cada discurso.

#### **4.2 Da pesquisa**

Quarenta alunos de 16 a 22 anos responderam a um questionário que sondava suas opiniões, os elementos físicos e geográficos com os quais se identificavam e as influências que eles receberam ao longo da vida. As respostas e o resultado da pesquisa serão descritos a seguir.

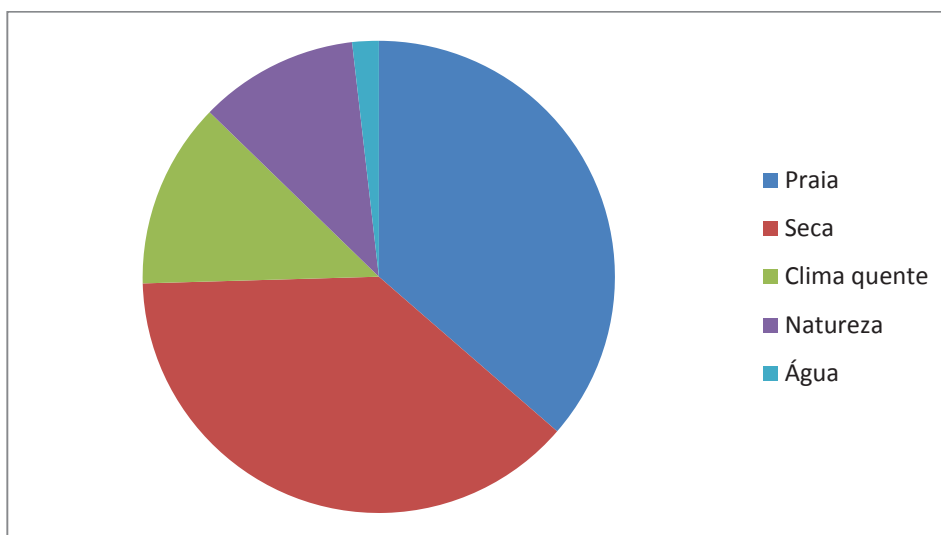
Dos alunos entrevistados 32 eram paraibanos ou nordestinos de outros estados, cinco eram paulistas e três fluminenses, vale ressaltar que dos oito alunos nascidos na região sudeste, cinco vieram ainda crianças para a Paraíba acompanhando os pais que migraram de volta para a terra natal após anos trabalhando fora dela.

Como muitos dos jovens entrevistados não conheciam outros estados, uma das questões perguntava em que eles se baseavam para caracterizar o Nordeste. 26 deles responderam que se baseavam na experiência, no que viam e ouviam; 19 disseram que a mídia influenciou suas respostas e 1 escreveu que se baseava no que havia aprendido nas aulas de geografia<sup>1</sup>.

O público alvo da pesquisa reside em Jacaraú, pequena cidade localizada no litoral norte da Paraíba, mais precisamente na zona da mata, uma região onde chove com frequência. O município é cercado por nascentes e, inclusive, fornece água em caminhões pipa para outras regiões em períodos de estiagem, a praia mais próxima, Baía da Traição, fica a aproximadamente 50 km da cidade e a seca é um problema que não aflige com frequência a população local, pelo contrário a escassez de água é rara no município.

Todavia, quando questionados acerca dos elementos geográficos que caracterizam a região Nordeste, mais da metade dos alunos, 21 deles, apontou a seca; 20 responderam praia, 7 apontaram o clima quente, 6 a natureza e apenas 1 atribuiu à água a capacidade de representar a sua região; conforme visualiza-se no gráfico a seguir:

Gráfico 1: Aspectos geográficos mencionados que caracterizam a região Nordeste



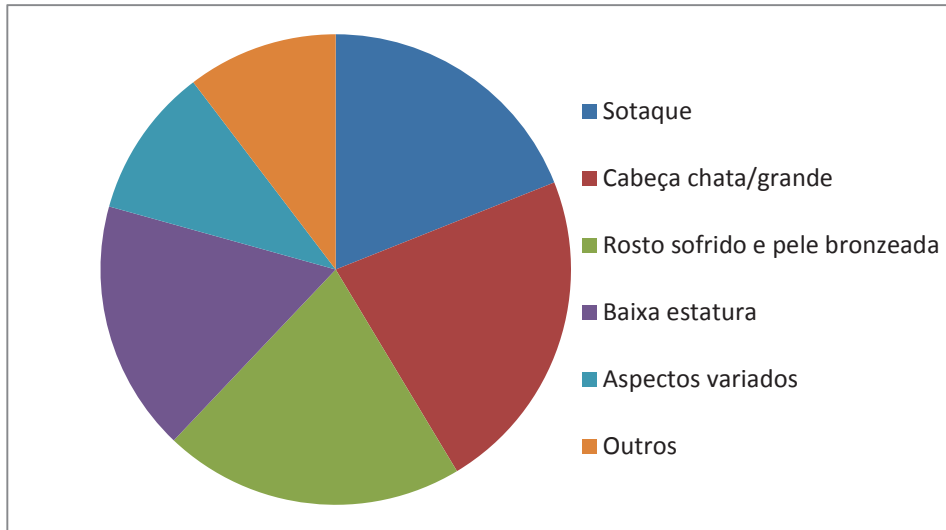
Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora.

Os elementos físicos apontados pelos alunos também não se afastaram muito dos modelos de nordestinos comumente divulgados. Eles apontaram como marcas de

<sup>1</sup> Alguns dos alunos apontaram mais de uma resposta, por isso a distribuição entre as opções aparece maior que o número total de entrevistados.

nordestinidade sobretudo a cabeça chata, a baixa estatura, o corpo magro, o rosto sofrido, a pele queimada pelo sol e o sotaque típico, conforme pode-se constatar no gráfico que segue:

Gráfico 2: Aspectos físicos e culturais mencionados que caracterizam a região Nordeste



Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora.

Desde o nascimento os indivíduos são influenciados pelos modelos e exemplos familiares, são condicionados a pensar de acordo com a sociedade e a cultura da qual fazem parte. Assim, “a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2006, p.38). Dessa forma, permanece sempre incompleta, em formação e, portanto, sujeita à ação de elementos externos que podem influenciá-la.

Conforme se vê, os alunos reafirmam características que lhes foram impostas socialmente, suas respostas limitam-se a formar uma imagem do nordestino sempre relacionada à natureza e quase nunca positiva. O sol forte e o clima quente contribuem para agravar as condições de vida já precárias da população que, para muitos, traz estampadas no rosto as marcas de uma “Vida Severina”<sup>2</sup>.

Assim, conscientemente ou não, os alunos reproduzem o discurso do “Nordeste da morte pobre”:

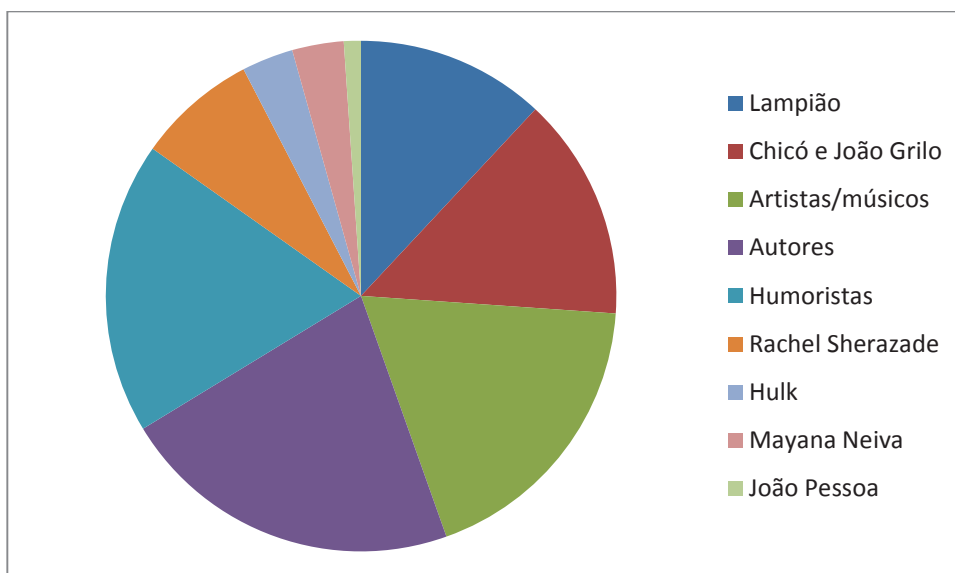
<sup>2</sup> Em alusão à obra “Morte e Vida Severina”, do escritor pernambucano João Cabral de Melo Neto. Poema dramático que retrata a dura trajetória de um migrante nordestino em busca de melhores condições de vida. João Cabral de Melo Neto - Obra Completa”, Editora Nova Aguilar S.A. - Rio de Janeiro, 1994.

Nordeste daqueles que só têm o céu para poderem clamar, pedir de joelhos. Pedintes e de joelhos, eis o povo nordestino, maltrapilho, sobre o qual parecem sempre pairar a desgraça, a morte, os urubus. Gente que só tem as próprias vidas e de seus filhos para oferecer, a oferenda esquelética e trágica. Povo que chora compridas lágrimas, que tem expressões de miséria e dor estampadas no corpo e no rosto, e parecem ser sempre os mesmos. Rostos construídos ou desconstruídos pelo pincel da fome e da seca. Região composta de quadros de horror que suscitam pena, solidariedade e até revolta, mas também causam repulsa, medo, estranhamento e preconceito. (ALBUQUERQUE JR., 2005, p. 250-251).

Os alunos foram questionados também sobre quais personagens nordestinos (literários, cinematográficos ou televisivos) e quais figuras públicas nordestinas, sobretudo paraibanas, conheciam. As respostas giraram em torno dos mesmos exemplares, não por coincidência os que mais aparecem na mídia sudestina.

Ariano Suassuna foi o nome mais citado entre os entrevistados, ao lado de Chicó e João Grilo, personagens de sua obra mais popular “O Auto da Compadecida”. Vale ressaltar que nenhum dos entrevistados leu a obra em questão e só conhecem-na por meio da adaptação feita pela Rede Globo de Televisão, a maior emissora do país. Na sequência apareceram os cantores/músicos e os humoristas.

Gráfico 3: Personagens mencionados que representam a região Nordeste



Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora.

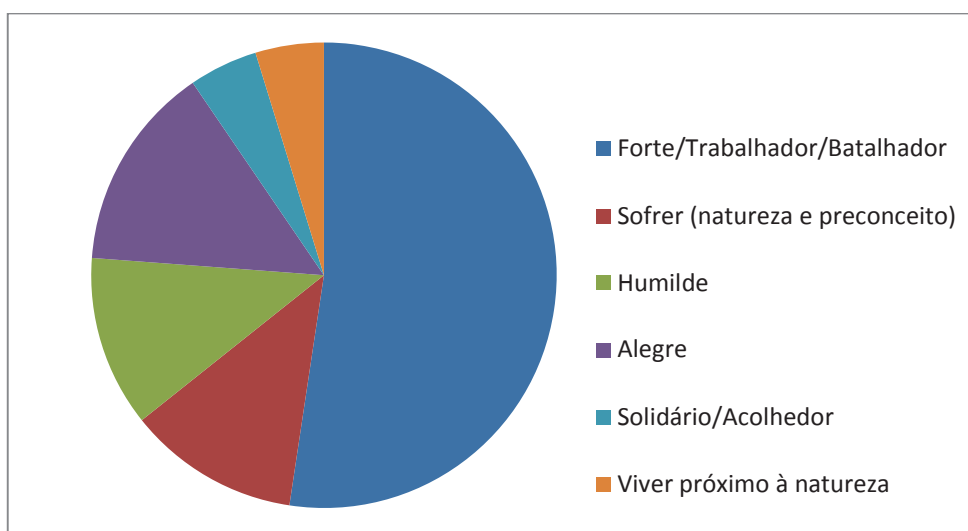
Como é possível observar no gráfico acima, Lampião, o símbolo do “cabra macho” do sertão, foi mencionado por 11 alunos, a polêmica jornalista paraibana Rachel Sherazade foi lembrada sete vezes, o jogador Hulk e a atriz Mayana Neiva foram citados três vezes cada e o



político João Pessoa, que dá nome à capital paraibana, foi citado apenas uma vez. É curioso perceber que tantos outros personagens ilustres e históricos sequer foram citados, pessoas como Assis Chateaubriand, Epitácio Pessoa, Geraldo Vandré, os quais, respectivamente na imprensa, política e música, elevaram o nome do estado dentro e fora do país, contribuindo para o desenvolvimento local, mas que por não serem citados cotidianamente nos grandes veículos de comunicação foram condenados ao esquecimento e não são sequer conhecidos pelas novas gerações.

Quando questionados sobre como é ser nordestino, as respostas repetem as tendências vistas na literatura e na mídia.

Gráfico 4: Percepção sobre ser nordestino



Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora.

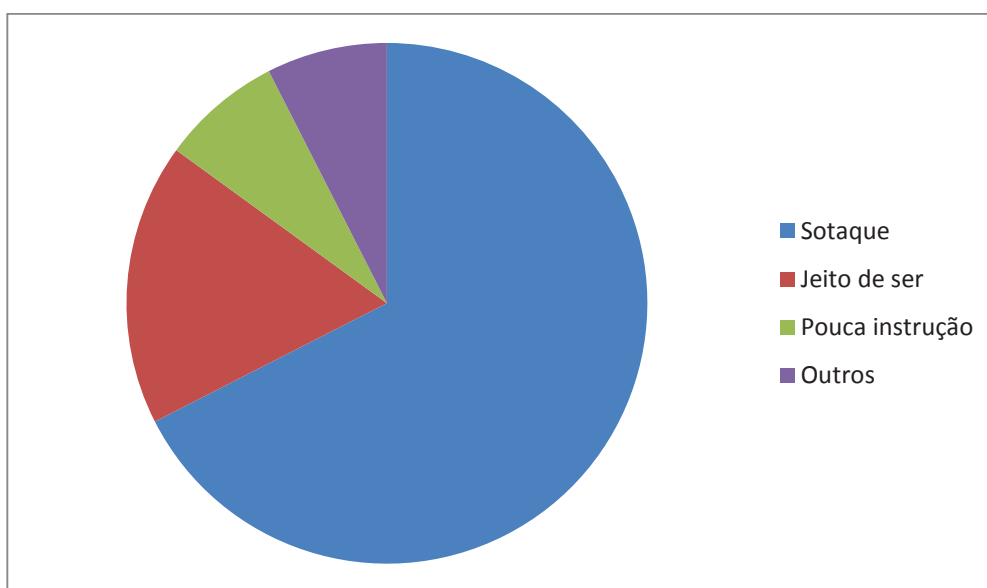
Segundo os entrevistados, ser nordestino é ser feliz com pouco, ser humilde, solidário, acolhedor e viver próximo à natureza, mas, sobretudo, ser forte. Mais da metade dos entrevistados afirmaram que o povo nordestino é forte e batalhador, o que vai ao encontro da tese defendida em “Os Sertões”, na qual se encontra um homem manso, solícito e permanentemente fatigado.

Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. [...] Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas. O homem transfigura-se. [...], estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte. (CUNHA, 1995, p. 81).

Para parte dos jovens que responderam ao questionário ser nordestino é sofrer tanto pela natureza inóspita quanto pelo preconceito oriundo de outras regiões. Vale salientar que todos os entrevistados afirmaram que o preconceito contra os nordestinos existe, alguns relataram terem sofrido ou presenciado algum episódio e a maior parte destes citou casos acontecidos nas redes sociais. Relatando a experiência de uma amiga, uma aluna de 18 anos escreveu que *“um menino começou a conversar com ela e perguntou o nome e a cidade dela, quando ela respondeu Jacaraú-PB, ele saiu e não falou mais”*.

O sotaque típico foi apontado como causa do preconceito pela maior parte dos entrevistados, outras possíveis causas citadas foram: a pouca instrução, o jeito de ser, a aparência e mais uma vez a natureza. Todavia, nenhum dos entrevistados considerou fatores econômicos ou culturais.

Gráfico 5: Causas apontadas do preconceito



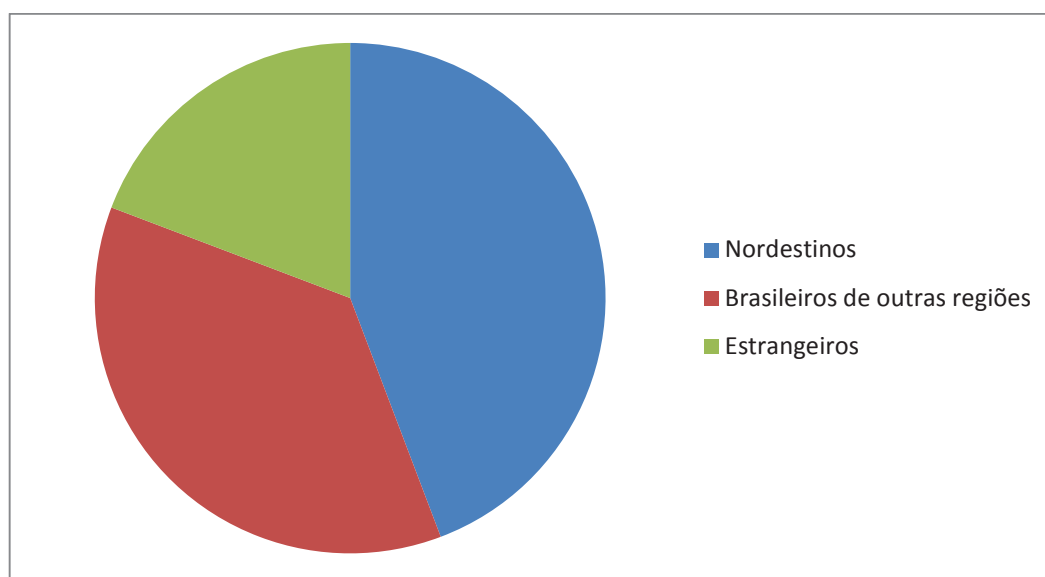
Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora.

Ao apontar as causas do preconceito, os alunos ignoram as relações de poder que contribuem para a caracterização das identidades; afirmam que pessoas do sul/sudeste têm preconceito contra os nordestinos porque estes falam “errado”, desconsiderando que as variantes linguísticas possuem o mesmo valor social; consideram que “os nordestinos” não sabem comportar-se em público, generalizando e atribuindo a toda uma população, características relacionadas a uma parte dela; consideram a população pouco instruída, apesar de estarem concluindo o ensino médio e residirem numa região com bons índices de aprovação em vestibulares.

Nesse contexto, pode-se afirmar que os jovens que responderam ao questionário internalizaram em seus discursos vozes que legitimam os estereótipos e contribuem para a manutenção e propagação do preconceito. Não há reação frente à estereotipia, apenas constatação, até certa resignação, como se as manifestações de intolerância e preconceito fossem justificáveis.

Por fim, os alunos deveriam citar cinco personalidades ilustres, das quais se orgulhassem e nas quais se inspirassem. Além de Jesus Cristo, que foi citado diversas vezes, eles curiosamente privilegiaram personalidades locais: políticos, médicos, até parentes. Apenas 10 alunos afirmaram se inspirar em estrangeiros, 19 citaram artistas, escritores e personalidades públicas brasileiras de várias regiões e 23 deles disseram que se inspiravam em nordestinos, dentre os quais o mais citado foi Ariano Suassuna.

Gráfico 6: Personalidades que são inspiração para os alunos



Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora.

Vale ressaltar que as citações a Ariano Suassuna podem estar relacionadas à morte recente do autor, que recebeu diversas homenagens na mídia, teve sua obra trabalhada e sua biografia explorada pela escola nas aulas de literatura. Isso reforça a tese de que a mídia e o conhecimento em geral influencia a forma como os jovens se relacionam com o mundo. Em suas respostas eles relataram os conceitos que aprenderam ao longo da vida e citaram as personalidades que conheciam ou das quais se lembravam e é com base nesses saberes que constroem, desconstroem e reconstroem suas identidades.

Hall (2006), em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, defende que a formação da identidade resulta da exposição do indivíduo aos múltiplos processos culturais, nesse sentido o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. Segundo este autor, as mudanças pelas quais as sociedades modernas passaram no final do século XX, fragmentaram noções como classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Ele entende que, por ser o sujeito pós-moderno um indivíduo cuja identidade não é uma determinação fixa, essencial ou permanente, sua identidade deveria ser compreendida a partir de uma celebração móvel

(...) formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo constantemente deslocadas. (HALL, 2006, p. 13).

Nesse sentido, pode-se dizer que muitos nordestinos não se identificam com os signos de nordestinidade que os representam, porque essa representação não corresponde mais à realidade, se é que algum dia realmente correspondeu. Cômicos da possibilidade de mudança, de criar-se e recriar-se continuamente, os indivíduos podem cansar-se de tantas repetições, de tantas personagens caricaturais, estereotipadas ou, na pior das hipóteses, exijam que se somem elementos novos, que não substituam os anteriores mas acrescentem-lhes sentido, realidade, variedade, assim como é a vida e as sociedades e que sejam capazes de exceder as concepções de “cultura como conduta que entrincheira nas vidas dos muitos um conjunto de crenças forjadas pelos poucos”. (EAGLETON, 2005, p. 164).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se demonstrou no decorrer deste trabalho, os indivíduos constroem continuamente suas identidades e essas construções baseiam-se em signos que chegam até eles de diferentes formas e são capazes de estimular os processos de identificação. No Brasil, a mídia ainda é o maior veículo de divulgação de “cultura” ao lado da escola, que também ocupa um importante espaço social. Infelizmente, os signos de nordestinidade comumente veiculados pelos meios de comunicação em massa têm raízes em um processo histórico que trouxe para o campo das relações sociais, históricos embates travados no sistema econômico e político e a escola tem se omitido ou falhado na tarefa de informar e apresentar aos alunos essas relações de poder.

O resultado disso é a proliferação de abordagens reducionistas de uma suposta essência do ser nordestino, quase sempre marcada com sinais negativos e usada para fundamentar e até justificar o preconceito regional. Quando se fala em "Nordeste", vêm à mente uma série de imagens cristalizadas das características geográficas, sociais e culturais da região, assim como psicológicas e até mesmo físicas de seus habitantes, conforme se pôde observar através das respostas dos jovens ao questionário aplicado.

Todavia, não é aceitável que em pleno século XXI os nordestinos, ou qualquer outro povo, continuem sendo estigmatizados e sofram preconceito regional. As diferentes identidades precisam ser encaradas como fator de riqueza cultural, como possibilidade de crescimento; a cultura deve ser vista como elemento de unificação das partes e não de segregação. Os jovens devem entender que a sociedade atual é marcada por um emaranhado de redes de interesse e que nem sempre o que é difundido corresponde à realidade.

O caminho histórico percorrido brevemente no presente trabalho e o contexto econômico-social do Nordeste brasileiro, conduzem à afirmação que o nordeste midiático foi inventado; sendo, portanto, uma representação que não contempla as particularidades e complexidades da região e de seu povo, mas uma parte pontual deles não arbitrariamente escolhida.

O Nordeste/Sertão é fruto do mesmo reducionismo que alardeia que o Rio de Janeiro só tem favelas e que o norte do país é só floresta. Aliás, o Brasil é repleto de reducionismos, classificações tendenciosas e preconceitos que dividem o país em inúmeros brasis inimigos, separando ricos de pobres, instruídos de não instruídos, brancos de negros, litoral de interior e assim por diante, alimentando a cultura da intolerância que foi responsável por tantas

manchas na história da humanidade, tais quais a escravidão, o nazismo, e o *apartheid* americano.

Acreditar que um povo é superior a outro, ou que uma cultura é melhor que a outra é ignorar os conceitos de cultura e de identidade, é falta de conhecimento ou de valores, e foi graças a esse tipo de pensamento que tantos nordestinos foram e continuam sendo humilhados e até agredidos nas regiões mais ricas e industrializadas do país. Cada cultura reflete a forma de pensar e viver de um povo, variando de acordo com os contextos em que são produzidos, fazendo, por isso, sentido para quem os vivencia. Dessa forma não há razão para julgar determinado comportamento dos membros de uma sociedade como certo ou errado, superior ou inferior, mais ou menos bonito; eles devem ser considerados apenas diferentes, frutos de contextos específicos que os possibilitam e justificam.

Nessa perspectiva, a identidade não está na condição de nordestino, mas sim no modo como esta condição é apreendida e organizada simbolicamente. Os signos de nordestinidade devem ser entendidos como um conjunto de elementos resultantes de diversas identidades sociais constantemente inventadas e reinventadas e não como representações imprudentes que se apoiam numa única interpretação sobre a identidade regional, em detrimento de tantas outras.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. Cabra da peste! **Nossa História**. Rio de Janeiro, ano 2, (17), mar. 2005.

AMÂNCIO, Tunico. **O Brasil dos gringos: imagens do cinema**. Niterói: Intertexto, 2000.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: campanha de Canudos**. 36. ed. Rio de Janeiro: F. Alves: Brasília: 1995.

EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. São Paulo: Ed; Unesp, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

JODELET, Denise. Representações Sociais: Um domínio em Expansão. In: JODELET, Denise (Org). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

MAMEDE, Maria Amélia B. **A construção do Nordeste pela mídia**. Fortaleza: SECTI, 1992.

PAIVA, Carla Conceição da Silva. **A virtude como um signo primordial da nordestinidade: análise das representações da identidade social nordestina nos filmes O Pagador de Promessas (1962) e Sargento Getúlio (1983)**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia. 2006.

ROSSINI, Miriam de Souza. O cinema da busca: discurso sobre identidades culturais no cinema brasileiro dos anos 90. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.27, ago. 2005.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

TOLENTINO, Célia Aparecida Ferreira. **O rural no Cinema Brasileiro**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

XAVIER, Ismail. Cinema: Revelação e Engano. In: NOVAES, Aduato (Org). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.



**APÊNDICE – Questionário aplicado aos alunos**

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

1. Onde você nasceu (cidade/estado)?

\_\_\_\_\_

2. Caso seja oriundo de outro estado, há quanto tempo você mora na Paraíba?

\_\_\_\_\_

3. Quais elementos (geográficos) caracterizam a região Nordeste?

\_\_\_\_\_

4. Quais elementos (físicos) caracterizam o povo nordestino?

\_\_\_\_\_

5. Em que você se inspirou para responder as duas perguntas anteriores?

\_\_\_\_\_

6. Quais personagens nordestinos (literários, cinematográficos ou televisivos) e quais figuras públicas nordestinas, sobretudo paraibanas, você conhece? Descreva-os.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7. Como é “ser nordestino” para você? É motivo de orgulho? Justifique.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

8. Para você, o povo nordestino é vítima de preconceito? Por quê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9. Você já sofreu, praticou ou presenciou alguma cena de preconceito contra um nordestino? Em caso positivo, relate o fato.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

10. Cite cinco personalidades ilustres, das quais você se orgulha e nas quais você se inspira.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_